

## **O COMUM TERRANO: UM ENSAIO PARA OS HUMANOS.**

Yan Leite Chaparro  
(UFGD/LABUH – yanchaparro@gmail.com)  
Leandro de Alencar Lamberti Mesa  
(UNINOVE – lele.mesa@hotmail.com)

### **Resumo:**

O ensaio que segue é uma provocação à imagem do humano a partir da especulação do personagem radical e emergente do Terrano, quando um outro contesta e reflete sobre as ações já normalizada de outro. Escolhemos o personagem do Terrano para iniciar uma discussão teórica ainda pouco ouvida, tanto no Mato Grosso do Sul, quanto no Brasil: a era do Antropoceno, fenômeno que coloca o hoje e o amanhã como uma grande dúvida para os humanos e para muitos não humanos. Início que busca caminhos solidários entre humanos e não humanos, e também, para a produção real do Terrano.

**Palavras-chave:** Antropoceno; Estudos Críticos do Desenvolvimento; Terrano; Humano.

## **THE TERRAN COMMON: A TEST FOR HUMANS.**

### **Abstract:**

This essay aims to elicit a thought provoking response to the Picture of the human from the speculation of the radical and emergent character of the Earthbound, as one contests and reflects on the normalized actions of other. We chose the character of the Earthbound to start a theoretical discussion that remains unheard in Mato Grosso do Sul and Brazil: the age of the Anthropocene, a phenomenon that puts today and the tomorrow in an uncertain light for humans and non-humans. Beginning that searches solitary's ways between humans and not-humans, and also, for the production of the real Earthbound.

**Keywords:** Anthropocene; Critical Studies of Development; Earthbound; Human.



## APRESENTAÇÃO.

Este ensaio busca produzir relações entre os Estudos Críticos do Desenvolvimento e o conceito do Antropoceno (LATOUR, 2013), refletindo como questão central a ideia moderna de desenvolvimento como pergunta. Entendendo, antes de tudo, que os modernos, ou que nunca foram modernos, como questiona Latour (2008), são aqueles que inauguram a noção de desenvolvimento que ainda vivemos hoje, e dessa noção fizeram a modernidade, a possível imagem do fim do mundo. Um ensaio que, por si só, é filosófico, antropológico e político.

Movimento reflexivo que traz o conceito de Terrano (LATOUR, 2013) como fenômeno realista que pensa o desenvolvimento, um personagem que tem o objetivo primeiro de crítica à noção de desenvolvimento dos modernos. Reagindo como possibilidade que consubstancia o embate político que têm como território de vida a pergunta: em que mundo queremos viver? Pergunta que revela duas questões levantadas por Latour (2014): um caminho como de volta à Terra (p.13) e o momento que vivemos como um *estado de guerra* (p.14).

Pergunta e questões de que o Terrano, o personagem central desse ensaio, faz uso para questionar e indagar a cada vez mais frágil onipotência da noção moderna de desenvolvimento. Pois, esse Terrano enxerga, mostra e circula por muitos outros mundos que desenganam a imagem inquestionável do desenvolvimento. Leia-se: muitos outros mundos como os pensamentos filosóficos indígenas das Américas, suas organizações cosmológicas e cosmopolítica, e os modos de existir que não se alinham à perspectiva de vida simbólica e real dos modernos.

Como lembra Latour (2014), em tal época, tanto a política como a ciência assumem uma configurações totalmente diferentes (p.14) e, por isso, escrevemos esse ensaio, para pensar essa nova configuração que ainda é enfrentada com inercia e cinismo por parte dos governos, por partes da sociedade civil e pelos negacionistas.

Os movimentos negacionistas que dizem a Terra ser plana, o aquecimento global ser uma invenção, têm ganhado força em parte do território brasileiro. Segundo Jean Miguel (2020), a internet tem ajudado a disseminar grupos e pessoas de mesma ideologia negacionista, principalmente na última década. Não é necessário procurar entender a outra cultura que se apresenta diante de mim, não é preciso que eu repense o modo como estou vivendo e as



consequências dos meus atos, é necessário que simplesmente eu possa criticar e dizer “está errado e essa é a minha opinião”.

A Terra, também entendida com Gaia (STENGERS, 2017), sabe-se que funciona como um ser vivo e, como todo ser vivo ao ser atacado, está também reagindo ao que quer matá-la. O humano tenta entender como lutar contra Gaia, como se fosse possível, mas deveria buscar como conviver com a Terra que já lhe fornece o que necessita. E por isso a necessidade de entrarmos em contato com aqueles que, como lembra Krenak (2019), veem a Terra não como objeto, algo econômico ou valorativo, mas como família, como um pai, mãe que cuidam e orientam.

## **O TERRITÓRIO.**

O território é o lugar onde podemos ainda talvez viver. O território é Gaia (LATOUR, 2011), ou o combate, a guerra entre mundos, uma guerra não de hoje, mas que no momento em que vivemos, a era do Antropoceno, a guerra não é mais uma possibilidade, e sim é real. De um lado os Terranos e do outro os humanos (os modernos).

Quando Latour nós faz enxergar que a ciência e política não serão mais as mesmas, ele desdobra sobre a questão ciência versus política, e ciência como política. Movimento que ele mesmo reconhece como perigoso, mas necessário para poder lutar contra os negacionistas e todos aqueles que sempre tiveram como objetivo principal invadir a terra, o planeta Terra, Gaia, justificados principalmente pela crença (RIST, 2012), do desenvolvimento moderno e pelo acúmulo financeiro. Invadir para destruir, o que não é mais admitido, pelo menos para os Terranos.

O território é o ar que respiramos, o alimento, a água, e todas as relações entre humanos e não humanos que sustenta uma realidade de não destruição, os Terranos. Junto a isso, o território também é o embate científico e político sobre o mundo em que queremos viver. Embate que perfila por espaços de tomadas de decisões políticas, empresariais, nos meios de produções, publicitários e midiáticos. Um território complexo produzido entre os discursos científicos, políticos e o dia-dia das pessoas que são atingidas diretamente e indiretamente pela invasão de Gaia.



A maior parte desse público é composta por pessoas comuns que agem a maior parte do tempo em um universo povoado por fatos incertos que muito lhes dizem respeito. Antes de investirem em uma companhia, de terem filhos ou de pagarem o seguro de viagem, elas não ficam à espera de evidências completamente incontestáveis para só então se lançarem em determinadas ações. Se há algo que todos são capazes compreender é que quando a vida de uma pessoa é posta em questão, quando o território em que ela vive é ameaçado, quando ela é atacada por outros povos que querem o seu lugar, sua terra, seu solo, seu estimado pedaço de chão, o que se costumava chamar de sua “terra-mãe”, eles decerto não esperam que os *experts* concordem. Eles precisam identificar rapidamente aqueles que podem ajudar e aqueles – haveria outra palavra para isso? – que correm o risco de *traí-los*. Tomar decisões diante de evidências contraditórias sobre questões urgentes é uma atitude comum a cientistas, políticos e membros comuns do público. Tal atitude baseada no senso comum ganha plena força quando o território dessas pessoas se encontra ameaçado. O sentimento a que poderíamos chamar de *mobilização* é perigoso, incômodo e intranqui-lo, uma fonte de consequências mal definidas; mas uma coisa é certa: em caso de guerra, a atitude não é de complacência, apaziguamento e delegação aos *experts*. (LATOURE, 2014 p.21)

O território é o estado de guerra, e como podemos ajudar as “pessoas comuns” à não caírem nas armadilhas daqueles que fazem da guerra um benefício, quando se protegem com a ideia que o fim do mundo é somente um conflito, não há nada do que se preocupar, ou que os Terranos são muito radicais, e nada está acontecendo que exige preocupação.

Complexidade que nós coloca em uma nova época, o Antropoceno, que gera tomadas de decisões urgentes contra uma ideia histórica de território regida por poderes financeiros, que fazem da Terra uma grande colônia extraterrestre, no sentido de que moram na Terra, porém acreditam na possibilidade de viver em outro planeta, assim não se importando com o que é feito deste no qual estamos vivos ainda. Produzindo um pequeno coletivo superprivilegiado que sonha com uma casa na praia em Marte, ao mesmo tempo em que produz, por todos cantos, coletivos de miséria, esses que nunca sonharam com uma casa de praia em Marte, pois sempre souberam que a casa, o território real, é Gaia.

Processo histórico que forma uma lógica perversa (desenvolvimentista), privilegiando alguns Humanos e massacrando tudo aquilo que não é esse projeto de Humano (moderno) e desenvolvimentista. Uma bomba relógio que já explodiu, e hoje estamos já nos deparando com as consequências dessa explosão. Não existe mais volta, o fim do mundo é uma imagem real e não mais ficcional, e os Terranos já não admitem que os Humanos (os modernos) façam da Terra um lugar de espoliação, pois Gaia encara os Humanos e exige responsabilidades, essas que explicitam a incompetência do projeto de humanidade da modernidade. Um território de guerra e sem mais fuga, pois sempre existimos encarnados em um território.



No ano de 2020 aconteceu o primeiro lançamento de um foguete com tripulantes para o espaço financiado por uma empresa privada.<sup>1</sup> Pela primeira vez um grupo que não é o Estado pode chegar ao espaço, o que gera questionamentos como: a exploração do espaço será como foi à exploração no continente americano? Quem será o dono do espaço? A lua e os outros planetas serão neocolônias?

A possibilidade de privadamente se chegar ao espaço entusiasmou milhares de pessoas, mesmo sem saberem que, para que tal viagem fosse possível, inúmeros recursos da Terra, planeta no qual ela se encontra foram extraídos. Estes recursos afetaram de forma direta o futuro do planeta e, por mais lindo que seja o sonho de alcançar o espaço, os Humanos em sua grande maioria não terão capital o suficiente para tal sobrevivência no espaço e acabaram por terem que morrer na Terra.

Alguns podem dizer que estamos sendo pessimistas, mas os danos são explícitos e a vida está se esvaecendo a cada dia.

E, se desenvolvimento é o nome do jogo que resultou no Antropoceno, então o massacre de populações sub-humanas e não-humanas é sua moeda corrente. (FAUSTO, 2014, p.2).

O território que temos agora, que muitos chamam de casa, está sendo destruído e centenas de espécies não humanas estão entrando em extinção. Imagine que seu corpo é a Terra, Gaia, alguém se aproxima e enche seu sangue – um rio – de veneno, despeja em sua pele – a terra – agrotóxicos, abre sua barriga – perfura no solo – e garimpa um pedaço do seu fígado. Por mais que você queira sobreviver, isto não será possível por muito tempo.

A partir de agora nós “sabemos”, e certos efeitos doravante observáveis já forçam os climatologistas a modificar seus modelos e suas previsões. Assim, o derretimento das geleiras está acontecendo muito mais rápido do que o previsto, tanto no Ártico como na Antártica, e os glaciologistas precisam corrigir seus modelos simplistas demais sobre o assunto. Quanto à taxa de CO<sup>2</sup> na atmosfera, ela progride de tal modo que, aparentemente, o aumento das emissões não é mais a única coisa em questão. (STENGERS, p. 10, 2017).

---

<sup>1</sup> A empresa SpaceX no dia trinta de maio de dois mil e vinte fez o lançamento de seu foguete tripulado por duas pessoas para uma base espacial. Foi o primeiro lançamento financiado por uma empresa privada. Último acesso em vinte e um de junho de dois mil e vinte < <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/05/30/foguete-da-spacex-com-dois-astronautas-e-lancado-na-florida.ghtml> >



Esse está sendo o papel dos humanos com a Terra, estão usurpando seu território, a Terra acreditando numa ilusão de que nada irá acontecer, porém, não há possibilidades de um organismo sobreviver muito tempo com um parasita, que suga até a última gota, que perfura até a última pedra, que mata até a última espécie viva.

O território Terra sendo usado e dividido tanto por humanos, quanto por não humanos acabou por se tornar um centro de conflito entre esses dois grupos, nesse conflito os não humanos lutam para preservar a Terra para os humanos, já os humanos continuam a não se preocupar com a Terra seja para eles ou para os não humanos.

Considerando que:

O caráter intrinsecamente insustentável desse desenvolvimento, que alguns anunciavam há décadas, tornou-se agora um saber comum (STENGERS, 2017, p.09).

## **O TERRANO.**

Mas, quem é o Terrano? Quem lê pode estar se perguntando. Terrano, explicando rapidamente, é tudo aquilo que não é o Humano produzido pela modernidade, o grande projeto que traz uma noção de Humano que deixa de lado todas as outras dimensões e todos os outros vivos que tecem e compõem a Terra.

Ainda está confuso, talvez, pois os mesmos humanos que escrevem, e que devem estar lendo, estão inscritos de alma e corpo no projeto de modernidade, são humanos que não pensam no externo, pois tudo parece humanamente correto, o interno. Só pensam em si (KOPENAWA e ALBERT, 2015), e não sabem que outros vivos e outras dimensões existem, e olham para esse Humano incorporado por crenças que só fazem de si o real.

Então, tudo que não é Moderno é o Terrano? Sim. E isso perpassa por crenças, ciências, organizações sociais, econômicas e políticas. Então, vocês estão dizendo que toda a verdade de humanidade que bebo para me alegrar no fim do ano, o Humano Deus, a Sociedade Moderna Capitalista, o abismos entre Natureza e Cultura, e as Crenças Desenvolvimentistas que tanto me glorificam, tudo isso que está destruindo a Terra? Sim. E é contra isso que hoje existe o Terrano.

Um Terrano guerreia para combater o fim do mundo, contra o Humano da modernidade. E são muitos os Terranos. Uma animal pode ser um Terrano quando não visto por um Moderno,



quando visto por um sujeito de uma sociedade indígena, que vê no animal como um ser da própria sociedade, e sabe que esse animal também o vê como um outro ser. O rio, o mar, o ar, a terra, as plantações, a mata, e outros não-humanos que, vistos pelos Terranos, podem ser vistos por outras dimensões que a Modernidade nunca possuiu.

O Terrano pode ser esse que vive na cidade, pequena, média e grande, o comum (AGAMBEN, 2012), que desconfia e não aceita mais o projeto vida estipulado pelos Humanos Modernos. Leciona aulas em espaços de ensino, tem uma horta no fundo de casa, serve um Moderno em um café, está nas ruas contra o neoliberalismo, espera o transporte coletivo para voltar do trabalho, vive todos os dias descrente sobre o modo de vida que revela o aumento acelerado de violências contra seus corpos, suas subjetividades e sobre o mundo que deseja viver.

Comum, realista e descrente sobre o fascinante projeto de vida do Moderno. Pois acredita em, e busca, um mundo diferente para viver, mas para isso sabe que terá que lutar, guerrear até chegar o momento em que poderá voltar à Terra, essa que está em sonhos, em dilemas e na compreensão de uma radical alteridade com os vivos e com as dimensões que fogem do vício do somente si mesmo dos modernos.

O Terrano é aquele que reconhece sua finitude e sabe ler na Gaia seu futuro, que conversa com as dimensões humanas e os não-humanas que perpassam e produzem sua realidade, quando apreende a produzir relações de solidariedades com os não-humanos que trazem os mundos.

## **NÃO HÁ MAIS VOLTAS.**

Como lembram Danowski e Viveiros de Castro (2017), nada aconteceu – apenas estamos mortos (p. 68). Não há mais voltas sobre o tema do fim, e não há mais volta para aquilo que foi deixado de fazer como lembra o último relatório da IPCC (Intergovernmental Panel on Climate Change). Fim que a era do Antropoceno inaugura, quando coloca em cheque um modo de vida (econômico, social, político, cultural e ambiental), o modo moderno de ser, e que Gaia já não aceita como pertencente a Terra.

Imagens do fim que podemos ouvir nas palavras do rezador Avá Guarani/Ñandeva Cantalicio Godoi (CHAPARRO, 2019), e nas palavras do xamã Yanomami Davi Kopenawa (KOPENAWA e ALBERT, 2015). Sociedades indígenas que encaram um constante fim



historicamente, quando sentem no corpo e na Terra a invasão dos seus territórios por um modelo de vida predatório e canibal, o terror anunciado por Taussig (1993). Palavras que estão hoje por toda a América do Sul, e faz crítica a esse modo de vida que nos levou a era do Antropoceno.

Não se pode pensar em amenizar, em reduzir; é necessário parar e mudar, alterar o modo como pensamos, agimos, o modo como vivemos. Podemos aprender a ser para compreender a existência e a vivência. Precisamos de algo que nos force a pensar no que deve ser feito para que exista a possibilidade de um futuro que não seja bárbaro (STENGERS, 2017, p.16).

A mudança é necessária e inevitável, mas surge uma pergunta: por mais quanto tempo acredita-se que a Gaia aceitará ser usurpada? Sendo agredida pela retirada ilegal de seus recursos, pela emissão de gases na atmosfera e pelo descaso dos humanos.

O desmatamento em território brasileiro continua aumentando drasticamente, em especial nos últimos anos<sup>2</sup>, e esse processo precisa ser interrompido, pois mata os humanos e não humanos, prejudica a vida em todos os sentidos dentro de Gaia, ser vivo que não permitirá por mais muito tempo essas agressões severas contra a ela desferidas. O tempo acabou e o futuro sem mudança que nos espera é um futuro de barbárie. O momento é crítico e grave, é como se um pedaço do pé estivesse necrosado e, caso não seja fosse retirado, matará o corpo todo. Se não mudarmos, alterarmos nosso modo de sobrevivência, não será possível viver e existir. A morte está ao nosso lado, caminhando silenciosamente e já beija os lábios das espécies que caminham por Gaia.

---

<sup>2</sup> Site que monitora o nível de desmatamento da floresta amazônica Último acesso em vinte e sete de junho de dois mil e vinte <<http://www.obt.inpe.br/OBT/assuntos/programas/amazonia/prodes>>.





## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.

- AGAMBEN, G. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- BRAYNER, A e FANTINEL, F. (orgs). *Racismo em Variações: contribuições para crítica biopolítica*. CHAPARRO, Y, MACIEL, J, RODRIGUES, E, MORIGINO, A e GODOI, C. *O desenvolvimento nas palavras de um rezador Avá Guarani/Ñandeva*. Educs, 2019.
- CHAPARRO, Y, MACIEL, J, RODRIGUES, E, e MORIGINO, A. *O mundo e fim do mundo: palavras de um rezador Avá Guarani sobre o desenvolvimento*. Revista Tellus, 2019.
- DANOWSKI, D e VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há um mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins*. Cultura e Barbarie: Instituto Socioambiental: Florianópolis, 2017.
- FAUSTO, J. *Os desaparecidos do antropoceno*. Texto apresentado no Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia - do Antropoceno à Idade da Terra, em setembro/2014 no Rio de Janeiro. <https://www.ipcc.ch>. Último acesso em: 12 dez. 2019
- KOPENAWA, D. e ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de uma xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Companhia das Letras. 2019.
- LATOUR, B. *Como distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno*. Revista de Antropologia USP. 2014
- LATOUR, B. *Facing Gaia. Six lectures on the political theology of nature*. Being the Gifford Lectures on Natural Religion Edinburgh, 18<sup>th</sup> -28<sup>th</sup> of February 2013. Version 10-3-13. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr>> . Último acesso em: 10 dez. 2019.
- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*. 4ª. Reimpressão. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34. 2008.
- LATOUR, B. *Waiting for Gaia*. Composing the common world through art and politics. Novembro, 2011. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr>>. Último acesso em: 08 dez. 2019.
- MIGUEL, Jean. *Negacionismo climático no Brasil*. Revista Coletiva, 2020.
- RIST, G. *El desarrollo: historia de una creencia occidental*. Madrid. Editora Catarata. 2012.
- STENGERS, I. *No tempo das catástrofes – resistir à barbárie que se aproxima*. 1ª. Reimpressão. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Cosac Naify. 2017.